

URBANISMO EM MINAS GERAIS: IDEARIOS URBANISTICOS APLICADOS AOS PARQUES NACIONAIS POR ANGELO A. MURGEL (1932-1942).

Fabio Jose Martins de Lima

Resumo

O estudo aborda a trajetória do arquiteto Angelo Murgel, com particular atenção para os projetos elaborados para os parques nacionais, a saber, o Parque Nacional de Itatiaia, o Parque Nacional da Serra dos Orgaos e o Parque Nacional do Iguaçu. A atuação de Murgel foi dividida entre trabalhos acadêmicos, como professor, e vasta incursão no meio profissional, particularmente relacionada as incumbências do Ministerio da Agricultura, dentre as quais os Parques Nacionais mencionados. Pretendemos recuperar conceitos elaborados por este arquiteto nos planos para estes parques. Esta aproximação sobre o percurso de Murgel se insere em pesquisa com enfoque sobre a historia do urbanismo e do planejamento urbano em Minas Gerais.

Palavras-Chave:

Urbanismo , Historia do Urbanismo , Planejamento Urbano , Minas Gerais

Abstract

The study addresses the trajectory of architect Angelo Murgel, with particular attention to projects designed to national parks, namely the Itatiaia National Park, the Serra dos Orgaos National Park and Iguaçu National Park. The performance of Murgel was divided between academic work, as a teacher, and extensive foray into the professional environment, particularly related to the tasks of the Ministry of Agriculture, among which the National Parks mentioned. We intend to retrieve concepts by this architect plans for these parks. This approach on the path Murgel falls in research focusing on the history of urbanism and urban planning in Minas Gerais.

Keywords:

Urbanism , History of Urbanism , Urban Planning , Minas Gerais

Introdução

A repercussão do que ocorria em Belo Horizonte/M.G. - a moderna capital planejada no final do século XIX, por uma comissão de engenheiros e arquitetos, tendo à frente o engenheiro Aarão Reis - era grande, no âmbito dos municípios mineiros. Nas primeiras décadas do século XX, os debates em torno das questões de urbanismo se vinculavam, inicialmente, à tradição ligada aos trabalhos de engenharia sanitária, dentre os quais destacamos aqueles inseridos nas trajetórias de Lourenço Baeta Neves e Lincoln de Campos Continentino. Neves dirigiu a Comissão de Melhoramentos Municipais, entre 1911 e 1914, tendo desenvolvido várias propostas de intervenção para pequenas e médias cidades do Estado. Esta comissão foi criada com o intuito de dar suporte técnico aos administradores públicos, através do estudo das obras de saneamento e melhoramentos dos municípios.¹ Já Continentino teve uma vasta atuação, com propostas para diversas cidades mineiras, além da elaboração de um plano de urbanismo para a Capital, desenvolvido a partir de 1934.

Nos anos 30, acrescida à intensa discussão dos problemas urbanos, a busca de uma linguagem moderna impõe-se à Capital Mineira e se difunde pelas cidades do interior. Em Belo Horizonte, a impossibilidade do desenvolvimento planejado da cidade se revelava por uma expansão desenfreada da *urbe*. Neste período, se coloca a emergência de uma postura mais crítica com relação ao plano, além de novas oportunidades de formação profissional e de novos fóruns onde a cidade passa a ser discutida e reproposta. Paralelamente, a renovação não se restringia às construções públicas e monumentais, atingindo também hegemonicamente a arquitetura corrente. A modernidade já anunciada com o *art déco* - conhecido como estilo cubista, futurista ou simplesmente moderno - se introduziria por meio de intervenções pontuais, que alterariam a fisionomia dos centros urbanos.

A frente que encampou o modernismo, em Minas Gerais, inicialmente, era constituída por intelectuais, dentre os quais artistas e escritores oriundos de regiões distintas do Estado. Já na década de 20, constatamos as primeiras manifestações artísticas individuais que, nos anos 30, se desdobrarão em exposições coletivas e salões. Vale mencionar iniciativas como a de Zina Aita - única artista do Estado que participou da Semana de 22, em São Paulo - cujo trabalho exposto em 1920, já revelava traços da modernidade artística do início do século XX. Nomes como Abgar Renault, Carlos Drummond de Andrade, Ermilo Moura, João Alphonsus, Martins de

¹Pelo Decreto nº 3.195, de 17 de junho de 1911, a criação pelo governo do estado de Minas Gerais da Comissão Mineira de Melhoramentos Municipais, Ver: NEVES, Lourenço Baeta. *Hygiene das Cidades*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1912.

Almeida, Milton Campos e Pedro Nava também se destacavam, tendo criado, em 1925, um veículo importante de difusão das idéias constituído por 'A Revista'. Em Cataguazes/MG, outro importante desdobramento foi a criação do grupo 'Verde', tendo como representantes Henrique de Resende, Rosário Fusco e Ascânio Lopes, além de Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto.² As manifestações poéticas e artísticas deste grupo, ainda em 1928, revelam o aspecto descentralizado do fenômeno do modernismo no Estado. Em Belo Horizonte, a Exposição de 36, constituindo o 1º Salão de Arte Moderna do Bar Brasil, representou um marco para a consolidação do Modernismo em Minas Gerais.

Este ambiente cultural no estado, propício à introdução de novas idéias, seria ampliado com a fundação da Escola de Arquitetura, por um grupo de arquitetos, em 1930. A iniciativa contou com a colaboração de artistas, advogados, engenheiros e médicos.³ Assim, se colocava a possibilidade da formação de arquitetos que traduzissem as tendências renovadoras, tanto na construção de edifícios, quanto no planejamento das cidades. Estes profissionais permitiriam a introdução de novos paradigmas para as intervenções urbanísticas. Progressivamente, os arquitetos dividiriam com os engenheiros, que sempre determinaram a tônica das discussões urbanísticas, a responsabilidade sobre os rumos das cidades. Vale ressaltar que, mesmo com a previsão de uma disciplina que contemplava o urbanismo, no sexto ano do curso, a ênfase das preocupações iniciais, recaía sobre a composição estética das edificações. Por esta via, a estética urbana se colocava como um problema relacionado com o urbanismo, como um dos aspectos que contribuiriam para o desenvolvimento futuro das cidades. Este quadro se alteraria com a instalação do Curso de Urbanismo na Escola de Arquitetura, em 1948, voltado para a formação profissional de urbanistas. O curso tinha a duração de dois anos e possibilitou o

² BRAGA, Raquel Dias Vieira. Os riscos da Arquitetura Contemporânea em Minas Gerais. São Paulo: 2004, Tese de Doutorado - FAUUSP.

³ Inicialmente o curso tinha a denominação de Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, logo transformada em Escola de Arquitetura, a 5 de agosto de 1930, vinculada à Prefeitura. Apenas em 3 de agosto de 1946 deu-se a incorporação da escola à Universidade de Minas Gerais e, em 1949, a sua federalização. A escola formava engenheiros-arquitetos e tinha como modelo de organização didática a seção de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, do Rio de Janeiro. O curso contava no seu quadro de professores com engenheiros, arquitetos e artistas. Os engenheiros se incumbiam das cadeiras de ciências aplicadas e técnicas, incluindo o urbanismo; os arquitetos se encarregava da perspectiva, teoria e filosofia da arquitetura, pequenas e grandes composições arquitetônicas, arquitetura analítica e arte decorativa. Por fim, os artistas se incumbiam do desenho e da modelagem. Dentre os arquitetos que atuavam na cidade, que colaboraram para a criação da escola, destacamos Luiz Signorelli, Raffaello Berti, Raphael Hardy e Angelo Murgel. Ver: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & LIMA, Fabio Jose Martins de. Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte: 1895-1961. In: LEME, Maria Cristina da Silva (org.). Urbanismo no Brasil: 1895-1965, *op. cit.*, p.126. Ver também : LIMA, F. J. M. & GOMES, M. A. A. F. Arquitetos e Urbanistas: cidade e formação profissional no Brasil, 1900-1960. In: Jose Francisco Bernadino de Freitas. (Org.). Diálogos Urbanismobr. 1ed .Vitória/ES e Niterói/RJ: EDUFES/UFF, 2010, v. 1, p. 211-244.

estudo sistemático das teorias para as intervenções sobre as cidades, acrescido de ciclos de conferências, como as ministradas por Gaston Bardet, durante quatro meses, nos anos 50.

Do grupo de arquitetos que fundou a Escola de Arquitetura, destacamos a atuação de Luiz Signorelli⁴, Angelo Murgel⁵ e Raphael Hardy⁶, diplomados pela Escola Nacional de Belas Artes - E.N.B.A., além de Raffaello Berti⁷. Signorelli teve a sua diplomação em 1925, recebendo a Medalha de Ouro. Murgel e Hardy vivenciaram mais de perto o ambiente de mudanças, o primeiro, tendo se diplomado em 1931 e, o segundo, em 1937. A reforma do ensino da E.N.B.A., promovida por Lúcio Costa, em 1930, no curto período em que esteve à frente da direção da mesma, certamente não passou despercebida por estes profissionais. Cada qual ao seu modo soube aplicar determinados princípios, com filiações em maior ou menor grau, ao ideário difundido pelo Movimento Moderno, princípios estes que interfeririam no desenvolvimento das cidades mineiras. No caso de Murgel, o acesso à modernidade propiciado pela contratação de novos professores, como veremos, foi direto. Além disto, Murgel teve contato com as idéias de Frank Lloyd Wright, que ministrou palestra na E.N.B.A., no mesmo ano da sua formatura. Vale ressaltar ainda que Murgel e Signorelli tiveram uma atuação destacada na discussão dos problemas urbanos, particularmente junto à subcomissão de Arquitetura e Urbanismo da Comissão Técnica Consultiva de Belo

⁴ Luiz Signorelli nasceu em 1896, na cidade de Cristina/M.G. e faleceu em 1964, em Belo Horizonte,. Teve uma atuação destacada na cidade com vários projetos, dentre os quais aqueles associados ao arquiteto Raffaello Berti. Reuniu em torno de si o grupo que fundou a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.

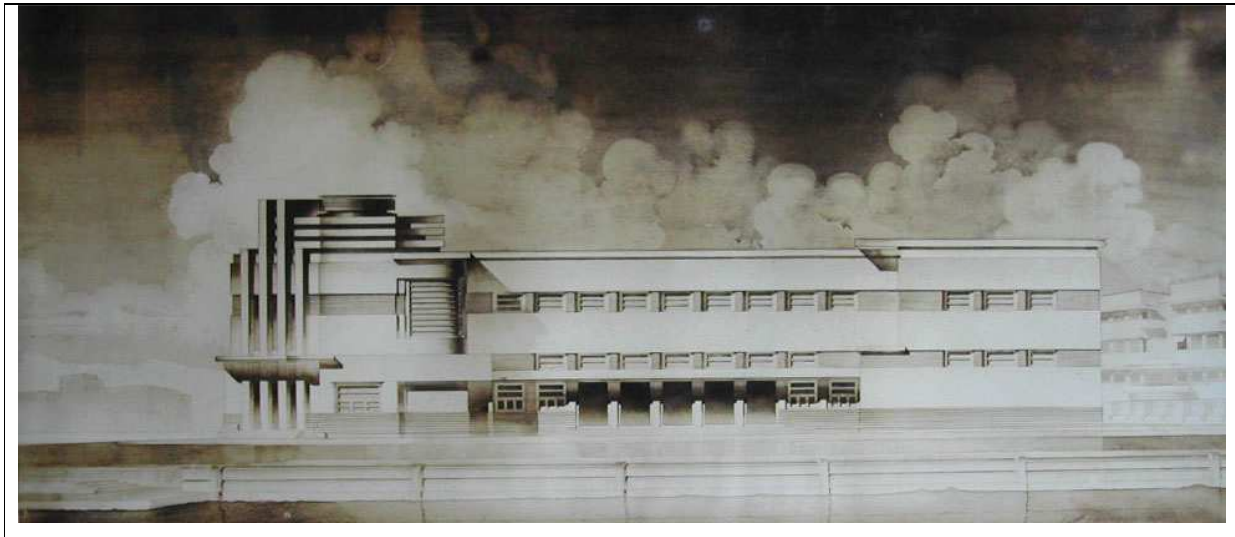
⁵ Angelo Alberto Murgel nasceu em Cataguazes/M.G., em 1907, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1978. Transferiu-se para Belo Horizonte, no mesmo ano da sua formatura, tendo desenvolvido inúmeras propostas para a cidade, além de projetos para outras cidades mineiras e o ensino na Escola de Arquitetura da U.M.G.. A sua vinculação ao Ministério da Agricultura, em 1937, fêz com que retornasse ao Rio de Janeiro, onde fixou residência. Seguiu a sua atuação profissional, com diversos projetos no âmbito do Ministério e, posteriormente no ensino da, então Faculdade Nacional de Arquitetura, antiga E.N.B.A..Os dados biográficos deste arquiteto foram pesquisados no acervo pessoal guardado pelo seu filho Carlos Murgel, em São Paulo/SP. Pesquisamos também os acervos da U.F.R.R.J., por intermédio da Prof^a Maria José, em Seropédica/R.J., a biblioteca do Parque Nacional do Itatiaia, em Itatiaia/R.J., com a acolhida do Prof. Léo Nascimento e da bibliotecária Sra. Maria Helena Sleutjes, além das bibliotecas da U.F.R.J. e da E.A.U.F.M.G.; Ainda tivemos uma conversa com o Prof. Adolfo Polilo, contemporâneo de Murgel na U.F.R.J..

⁶ Raphael Hardy Filho nasceu em Viçosa/M.G., em 1917, e faleceu em 2005, em Belo Horizonte. Desenvolveu diversas propostas para Belo Horizonte e para cidades do interior do Estado. Juntamente com Eduardo M. Guimarães e Marcos Konder Netto, participou do projeto da Refinaria Gabriel Passos da Petrobrás.

⁷ Raffaello Berti nasceu em Collesalveti, Província de Pisa, na Itália, em 1900, e faleceu em Belo Horizonte/M.G., no ano de 1972. Transferiu-se para o Brasil em 1922, recém-formado no ano anterior, pela *Real Accademia de Belle Arti* de Carrara, na Itália. No mesmo ano de 1922, no Rio de Janeiro, estabelece vínculo de trabalho com o Escritório Memória e Cuchet, onde permaneceu até o ano de 1929. A sua transferência para Belo Horizonte, neste ano, deu início a uma trajetória de atuação intensa que marcaria definitivamente o ambiente urbano da Capital Mineira.

Horizonte, instalada em 1934.⁸ Também neste sentido, vale destacar a sociedade entre Signorelli e Berti, em 1929, com várias propostas para Belo Horizonte e cidades do interior de Minas. Berti trazia consigo uma série de informações da Europa, além da experiência profissional no Rio de Janeiro, que certamente foram relevantes para a discussão de paradigmas e a introdução das inovações correntes no panorama das cidades mineiras.

A atuação do engenheiro arquiteto Angelo Alberto Murgel foi dividida entre trabalhos acadêmicos, como professor, e vasta incursão no meio profissional. Como estudante, Murgel destacou-se quando obteve a grande medalha de ouro de 1932, com a tese *Um edifício para os Correios Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro*, apresentada no Concurso de Grau Máximo à Comissão Técnica e Didática da E.N.B.A. O trabalho discutia princípios de arquitetura, com diversas citações, dentre as quais o texto *Bauhausbucher*, de 1924, de Walter Gropius e a referência a Hermann Muthesius, de que "...o movimento moderno não é senão a tendência para uma certa tipificação, resultante de uma concentração salutar, d'onde provirá um gosto seguro e um estylo de autoridade para todos."⁹ Além disso, Murgel apresentava o programa e o local do projeto, bem como o seu desenvolvimento para a proposta de edificação.



⁸ A Comissão Técnica Consultiva de Belo Horizonte, foi criada em 1934, na gestão do prefeito José Soares de Mattos a exemplo de "grandes e adiantadas cidades, especialmente americanas". Também fizeram parte desta comissão, dentre outros, os engenheiros, Lourenço Baeta Neves e Lincoln de Campos Continentino, citados anteriormente. Sobre a comissão, dentre outros ver: MATTOS, Jose Soares de. Comissão Technica Consultiva da Cidade de Bello Horizonte. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1935.

⁹ MUTHESIUS, Hermann, citado por: MURGEL, Angelo. Concurso de grao maximo: um edifício destinado aos Correio Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1932, p.X.

Figura 01 – Fachada do edifício para os Correios Gerais e Telegrafos, na tese de grau máximo defendida por Angelo Murgel, em 1932, na ENBA. Fonte : Urbanismomg/UFJF.

Em 1931, ainda como estudante, Murgel expressava as suas preocupações quanto às alternativas possíveis para a arquitetura brasileira. Aproveitando-se da presença, naquele momento, do arquiteto Frank Lloyd Wright, em palestra na E.N.B.A., fêz uma interrogação ao arquiteto norte-americano, sobre os novos rumos da arquitetura¹⁰ Wright, então, *"...passou, em termos categoricos, respondendo a uma minha pergunta, o attestado de obito, a essa architectura commoda e inconsciente de reproducções desaconselhadas."*¹¹ O que estava em jogo era o melhor caminho a seguir, entre copiar o modernismo estrangeiro ou procurar criar um estilo de acordo com a realidade brasileira. Na resposta Wright introduz o conceito de arquitetura orgânica, que, em função das condicionantes locais, poderia oferecer múltiplas soluções e abordagens. Assim, *"...para cada região do globo terrestre deve haver uma expressão particular da architectura, que corresponda ás necessidades peculiares daquela zona, attendendo aos diversos factores"*.¹² Esta referência foi importante para Murgel, tanto no seu trabalho final de curso, quanto na sua atuação profissional, na busca de uma adequação do projeto às condições locais, considerando as especificidades regionais.

O principal interesse de Angelo Murgel estava relacionado com a compreensão da arquitetura e do seu significado para a transformação das cidades. Tradição e modernidade se conjugavam nos fundamentos desenvolvidos para justificar as suas propostas. Por diversas vezes ele procurou definir o conceito de arquitetura moderna, tema já trabalhado, em 1932, na sua tese de conclusão de curso, como nos referimos. O apelo aos componentes estéticos sempre esteve presente nas suas propostas, o que revelava a sua formação acadêmica centrada nos problemas artísticos das composições arquitetônicas. A solução dos problemas urbanísticos era decorrente da consideração de determinados princípios de arquitetura. Ou seja, as questões relacionadas com o urbanismo moderno estavam vinculadas ao uso de uma linguagem arquitetônica de acordo com a atualidade e à correta elaboração das edificações,

¹⁰ Frank Lloyd Wright estava no Brasil para o julgamento do concurso para o Farol de Colombo. A exposição do pensamento de Frank Lloyd Wright, a 13 de outubro de 1931, deu-se por convite do Diretório Acadêmico da E.N.B.A., num momento em que os alunos promoviam uma greve. O Diretório aproveitou a estadia do arquiteto norte-americano no Brasil, convidado pela União Pan-Americana para participar como jurado do Concurso Internacional para o Farol de Colombo, em São Domingos. Ver: IRIGOYEN, Adriana. Wright e Artigas: Duas Viagens. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, pp.25-32.

¹¹ MURGEL, Angelo. *Architectura IV*, ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte: 1 de abril de 1933, p.4.

¹² MURGEL, Angelo. *Architectura IV*, *op. cit.*, *idem*.

considerando-se aspectos técnico-construtivos e de composição. O urbanismo, assim, não se colocava em primeiro plano nos trabalhos deste arquiteto, tendo em vista que o tema era considerado como uma especialização da arquitetura.

Os referenciais empregados na sua obra nos conduzem, assim, em primeiro lugar, ao ideário do Movimento Moderno na sua acepção germânica através dos escritos de Walter Gropius e Hermann Muthesius. Os métodos modernos de produção, de fabricação e de construção eram preconizados para que fossem alcançadas as formas ideais. Estes poderiam abranger desde mobiliários até mesmo edificações. Por esta via se colocava a standardização dos componentes arquitetônicos, bem como a idéia da abolição da ornamentação externa em prol da essência das obras.

Ao repassar os conceitos relacionados com a arquitetura, Murgel enfatizava componentes ligados à arte de construir. Através de pontos de vista distintos, incluindo-se idéias filosóficas, apoiado em tratadistas como Vitruvius e Alberti e filósofos como Platão e Aristóteles, ele definia o seu ofício ressaltando que *"...não é suficiente, portanto, como se afirma, que uma construção, para ser considerada como obra de architectura seja feita de bom material, que tenha seus elementos de sustentação bem calculados, a planta bem resolvida para o fim a que se destina, que as imposições da physica e da hygiene sejam satisfeitas, que o orçamento corresponda ao programma. Além de todos estes requisitos, para bem merecer o nome de architectura, ella deve, por outros elementos affectar a sensibilidade e a intelligencia, ser a imagem da vida e da belleza."*¹³

Por meio deste arcabouço teórico, Murgel resolvia os problemas relacionados com a inserção dos edifícios na cidade, sob o ponto de vista da composição arquitetônica, cujos princípios definia por meio da leitura de teóricos como Choisy, Beltcher e Guadet.¹⁴ Assim, as regras de composição arquitetônica também compareciam na busca de uma conceituação para a arquitetura. Dentre os princípios que regiam as cogitações do arquiteto discorria sobre a verdade, a beleza e a identidade da obra arquitetônica. O primeiro relacionado com o partido adotado pelo arquiteto, *"...não só sob o aspecto puramente estatico mas também sob o symbolico, devendo elle procurar imprimir ás suas obras um caracter proprio á sua finalidade, quer se trate de um edificio profano ou religioso, publico ou privado. A obra de*

¹³ MURGEL, Angelo A.. Concurso de grao maximo: um edificio destinado aos Correios Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1932.

¹⁴ Murgel introduzia nos seus escritos longas citações de autores como Auguste Choisy e Julien Guadet, dentre outros. O primeiro tornou-se referência para a teoria da arquitetura através do seu *Histoire de l'architecture*, de 1899, e o segundo com o curso *Eléments et théorie de l'architecture*. Ver: FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

*architectura deve estar em intima harmonia com seu destino com a sua utilidade, deixando transparecer nas linhas e no aspecto a expressão sincera da sua funcção.*¹⁵ Forma e função estavam intrinsicamente ligadas de acordo com este princípio. A beleza se colocava como uma finalidade, pois *"...as obras architectonicas não devem somente satisfazer uns tantos requisitos praticos de conveniencia, economia e estatica: ellas devem, sobretudo, constituir expressões de belleza. E o papel do architecto é exactamente esse de conciliar as imposições da technica com as da esthetica, tornando agradaveis e bellas as suas obras."*¹⁶ No tocante à identidade, ressaltava que *"...pelo character, pela disposição apropriada, pelas linhas estheticas, todo edificio deve revelar claramente a sua finalidade, bem como o funcionamento de suas peças. Interna e externamente taes funcções devem ser observadas com facilidade e expressas com simplicidade e evidencia."*¹⁷ Ele ainda realçava a importância dos eixos na composição dos edifícios visando a sua funcionalidade, como um legado da arquitetura clássica.

¹⁵ MURGEL, Angelo A., Concurso de grau máximo: um edifício destinado aos Correios Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro, *op. cit.*, p.20.

¹⁶ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.21.

¹⁷ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.22.

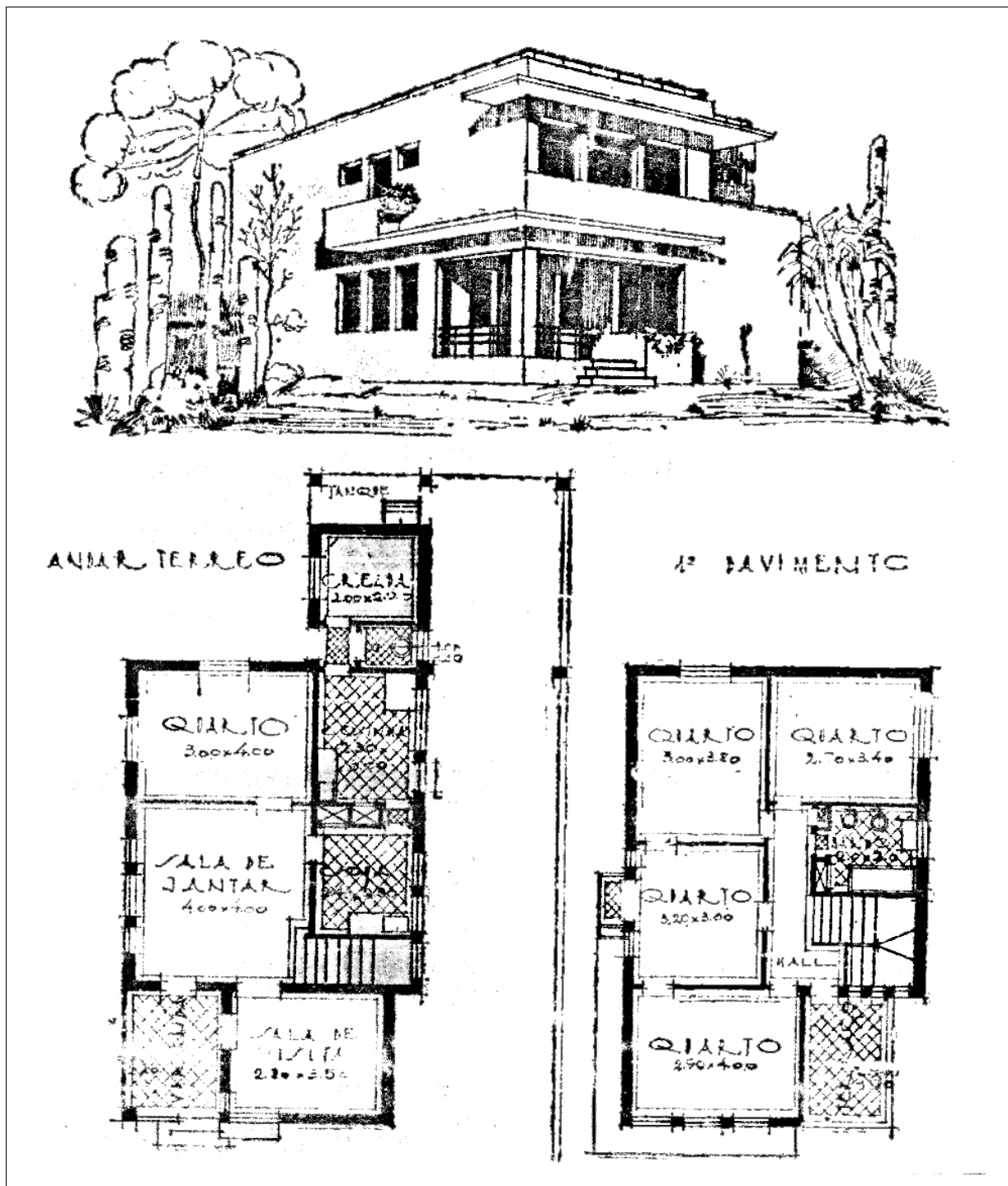


Figura 02 – Perspectiva e plantas de projeto apresentado por Angelo Murgel, em artigos de jornal em Belo Horizonte, em 1933. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

Com relação ao problema da “forma” na arquitetura, Murgel repassava a produção arquitetônica, nos diversos horizontes históricos da civilização, desde as

pirâmides do Egito até a diversidade da cultura européia, com destaque para as vanguardas do século XX. Murgel ressaltava que *"...varios movimentos renovadores se fizeram sentir, nos principios deste seculo, na França e na Allemanha, sem que vingassem successo por não se constituirem de uma maneira logica e natural uma vez que se preocupavam exclusivamente com a forma novidade e extravagancia, com novos motivos plasticos, olvidando que, como em todas as epocas de grandes realizações, a architectura deve resultar de principios bem mais seguros e estaveis, os principios constructivos."*¹⁸ Além de ressaltar a série de equívocos, que tiveram lugar com estas tentativas de renovação, ele enfatizava a necessidade da criação de um novo tipo de arquitetura, em consonância com a atualidade, na perspectiva de *"...um ideal moderno, conduzindo as tendencias artisticas para a 'standardização' sensata e logica que fará do nosso trabalho obra segura e definitiva."*¹⁹

Dando continuidade à importância da "forma", Murgel dizia que a arquitetura deveria se adequar ao meio geográfico e material, respeitando-se os materiais fornecidos pela natureza. Assim, para cada lugar teríamos uma expressão própria e peculiar, de acordo com as possibilidades delimitadas pelo meio, o que determinaria manifestações diversas de arquitetura. Neste sentido, o arquiteto deveria considerar *"...as imposições do scenario geographico, utilizando de maneira logica e sincera, os materiaes mais accessiveis que a natureza lhe fornece. A forma deve ser a ultima cogitação do architecto. Será a função final dos diversos factores. E nisso consiste a importancia do seu papel: coordenar e harmonisar as exigencias dos diversos elementos constitutivos do problema architectonico, dando-lhe uma apparencia agradavel e bella, dentro da utilidade, da necessidade e da logica. As formas de pura fantasia devem ser regeitadas a priori."*²⁰

Nesta tomada de posição ele se aproximava das teses de Frank Lloyd Wright, como destacado anteriormente, que ressaltava a necessidade de uma adaptação da arquitetura às condições locais, na busca de soluções adequadas às características particulares das regiões, *"...a luz, defficiente numa e exaggerada noutra, a temperatura, tão diferente nas diversas latitudes, os ventos reinantes, asperrimos em certos logares, a neve ou a chuva, o grao de humidade, são tantas outras variaveis que entram na formação da equação architectonica determinando resultados os mais diferenciados."*²¹ Murgel destacava ainda o equívoco de se querer fazer uma

¹⁸ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.30.

¹⁹ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.33.

²⁰ MURGEL, Angelo A., *idem*, pp.36-37.

²¹ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.38.

arquitetura sem considerar estes princípios, uma arquitetura "...*facil de acomodação, de copia do passado ou do estrangeiro, architectura sem expressão e sem raizes, a que muitos architectos se entregam, vencidos pelas dificuldades ingentes da profissão, talvez a que mais cultura exige do profissional.*"²² Neste sentido, entendia a arquitetura como "...*producto da arte e da technica, apreciavel objetiva e subjectivamente, segundo a observamos sob o lado formal ou sob o symbolico, creada para uma finalidade ás vezes pratica, outras simplesmente votiva ou commemorativa, offerece para cada um dos technicos, o artista, o engenheiro, o sociologo, o estheta, o economista um aspecto particular em que predominam os requisitos peculiares ás suas respectivas especialidades.*"²³

Quanto ao conceito de arquitetura moderna, de acordo com os problemas mais atuais colocados pelas cidades, Murgel ressaltava que esta arquitetura se faria "...*pela utilização racional do nosso adiantamento industrial, pelo systema constructivo adoptado e pelas tendencias plasticas resultantes de taes imposições do meio e da época.*"²⁴ Através destes princípios se poderia alcançar o ideal de cidade moderna composto por arranjos arquiteturais expressivos, cuja materialidade evocasse os aspectos peculiares da cada lugar. O que se buscava era uma apropriação qualificada dos ambientes urbanos, contrária àquela "...*architectura de empirismo e falsidade, de pura fantasia de forma, capricho sem gosto e sem originalidade: o 'falso modernismo'.*"²⁵ Mais uma vez, as idéias de Gropius foram evocadas por Murgel, no tocante à produção em série, ao emprego de novos materiais, à fiscalização racional da obra, às plantas baixas estudadas detalhadamente e ao fornecimento direto da fábrica. Estes componentes visavam uma arquitetura funcional que tirava partido das conquistas tecnológicas em pauta. Entretanto, ele via com restrições o uso de determinados materiais, como o vidro por considerar este material inadequado para as condições do nosso meio, "...*que não permite a 'architectura do vidro' tão propria para a Europa, e que é algumas vezes imitada por aqui, sob o rotulo de 'estyllo moderno'.*"²⁶

Ainda em 1932, na discussão sobre a construção do novo edifício dos correios e telégrafos em Belo Horizonte, Murgel preconizava uma modernidade utilitária. A nova

²² MURGEL, Angelo A., *idem*, p.39.

²³ MURGEL, Angelo A. *Architectura II: composição*. Estado de Minas, Belo Horizonte: 17 de março de 1933, p.4.

²⁴ MURGEL, Angelo A.. Um problema de esthetica urbana numa obra de utilidade publica. DIARIO DA TARDE, Belo Horizonte: 10 de novembro de 1932.

²⁵ MURGEL, Angelo A.. *Architectura*. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte: 17 de maio de 1933, p.5.

²⁶ MURGEL, Angelo A.. Concurso de grao maximo: um edifício destinado aos Correios Geraes e Telegraphos do Rio de Janeiro, *op. cit.*, p.50.

edificação se colocava como uma obra de expressão arquitetônica, intimamente ligada ao desenvolvimento da cidade. O programa deste edifício deveria atender a todas as conveniências visando o seu melhor funcionamento, por isso se justificava o emprego de uma arquitetura nova. No ano seguinte, acrescida à defesa de uma arquitetura moderna, Murgel opinava sobre o que faltava a Belo Horizonte para ser uma grande cidade. O ideal de uma metrópole moderna não tinha nada de pitoresco, constituído por ruas largas e retas, permitindo o trânsito rápido de veículos, e os arranha-céus, que alterariam o panorama provinciano da capital mineira. A modernidade almejada se introduziria por meio de inovações levando-se em conta que *"...o moderno não é mais uma experiência em que todo o mundo poderia dar opinião: é hoje um movimento seguido e recommendado pelos maiores architectos e pensadores de todos os continentes, por homens que dedicam a vida, intelligencia e postura ao estudo da architectura: é um movimento plenamente victorioso! O moderno também não é estylo, porque estylo é tudo que já tem elementos e feições instituídas como dogmas, ao passo que a architectura sadia de hoje procura resolver cada caso de accordo com as suas necessidades peculiares. É a architectura funccional, a architectura da machina."*²⁷ A estandardização não seria limitada às construções, esta penetraria também nos hábitos das pessoas. Os prédios altos ressoavam a modernidade presente nas propostas para os grandes centros urbanos, *"...mesmo a cidade ideal do professor Agache, de Le Corbusier e de Perret, a 'Ville-tour', é constituída de immensos edifícios, conservando entre si largas e determinantes distâncias, em cujos valles são localizados enormes parques; não ha poeira, que tem o seu logar delimitado ao centro das ruas, a ventilação é integral e a solaridade completa."*²⁸ Murgel não chegou a elaborar uma proposta urbanística para a cidade, discorrendo, no entanto, sobre aspectos que considerava importantes, confirmando a sua adesão aos princípios do Movimento Moderno.

Por esta via, Murgel se alinhava com as tendências modernas visando a renovação da arquitetura, extensiva à cidade. Ainda como estudante, Murgel participara da greve em apoio a Lúcio Costa, no ambiente da E.N.B.A.. Nesta mesma ocasião teve contato com Gregori Warchavchik, um dos professores contratados por Costa. O manifesto publicado ainda em 1925 por Warchavchik, com o título *Acerca da Arquitetura Moderna*, já antecipava os princípios da nova arquitetura. A lógica da

²⁷ MURGEL, Angelo A.. A architectura em Bello Horizonte. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte: recorte de artigo de jornal, sem data, no acervo pessoal de Angelo A. Murgel.

²⁸ MURGEL, Angelo A.. A expansão suburbana de Bello Horizonte e os problemas que della decorrem: a necessidade da criação de uma comissão de urbanismo, na Prefeitura da Capital. ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte: recorte de artigo de jornal, sem data, no acervo pessoal de Angelo A. Murgel.

racionalidade na composição era preconizada, em oposição à prática assentada na imitação de estilos históricos. Como referencial para esta arquitetura nova, a ação de um *"...pequeno grupo de architectos que appareceram primeiramente na Europa e na America do Norte e, depois nas outras partes do mundo, (que) faz o possivel para tirar a architectura do ponto morto... Tratam de substituir os processos antiquados pela organização industrial contemporanea e encontrar novas e sólidas bases para o seu trabalho."*²⁹ Posteriormente, ele se distanciaria deste ideário, por considerar que a arquitetura funcional atrelada a estes conceitos não atenderia aos ideais artísticos que preconizava para as cidades. Além deste olhar voltado para os princípios da arquitetura e, em particular, das bases conceituais para a arquitetura moderna, Murgel se preocupava também com as atribuições profissionais do arquiteto. A falta de uma regulamentação para o exercício da profissão gerava muitos problemas, *"...com isso soffrem as cidades, que se formam de edificações excentricas, concebidas pelo mau gosto dos proprietarios, pelo preciosismo de sua vaidade que a ignorancia e interesse dos falsos profissionais insufla e incensa; sofre com isso o proprio publico, de todos o menos culpado, por ter assim tão mal empregada a sua economia; soffrem com isso os authenticos architectos que vêm os seus esforços inutilizados, suas conquistas falseadas e reproduzidas com alterações que as tornam condemnaveis, seus interesses fundamente prejudicados e seus direitos espoliados."*³⁰ O que se pretendia era uma distribuição mais racional dos atributos da profissão, tendo em vista a cooperação entre a arquitetura e os diversos ramos da engenharia, para reverter o quadro de competição instaurado naquele momento. A profissão do arquiteto era considerada distinta das demais, em especial com relação à engenharia.

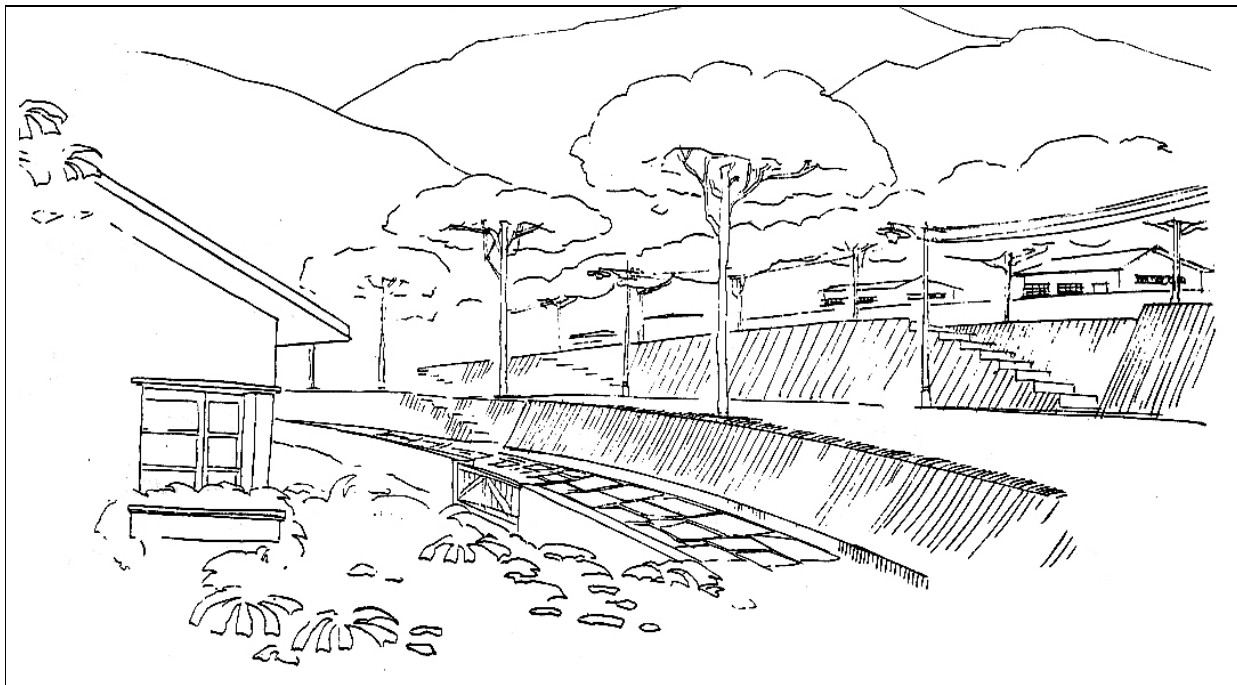
A atuação de Murgel em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro foi intensa. Em Belo Horizonte, para onde se transferiu logo após a sua diplomação, Murgel instalou escritório à rua Rio de Janeiro, nº385, 2º andar, associando-se à firma Carneiro de Rezende & Cia.. Em 1934, junto à Comissão Técnica Consultiva, como citado anteriormente, Murgel destacava a necessidade da elaboração de um plano de desenvolvimento para a cidade, *"...para que o crescimento de Bello Horizonte, cidade que se ufana de ter sido feita sob um traçado regular não esbarre, mais tarde, com os impecilhos que têm encontrado outras, como o Rio de Janeiro e São Paulo,*

²⁹ CONSTANTINOWSKY, Wladimir, citado por: ABREU, Jayme Cunha da Gama e. Relatório dos sucessos mais importantes verificados no IV Congresso Pan-Americano de Architectos apresentado ao Exmo. Sr. Governador do Estado da Bahia. Bahia: Imprensa Official do Estado, 1930, p.41.

³⁰ MURGEL, Angelo A. A profissão de arquiteto: considerações sobre sua legislação. ARQUITETURA & URBANISMO, março e abril, 1940, p.98.

*construídas e desenvolvidas sem nenhum critério urbanístico.*³¹ Posteriormente, em meados dos anos 30, tendo se transferido para o Rio de Janeiro, instalou o seu escritório no Edifício Nilomax, situado na esquina de Nilo Peçanha com México. A partir de 1937, Murgel foi contratado como servidor do Ministério da Agricultura.

Vários foram os projetos de edificações atrelados a planos de conjunto, nos quais manifestava as suas preocupações estéticas. Dentre os seus projetos urbanísticos, destacamos o projeto para a Penitenciária Agrícola de Minas Gerais, em 1932, a proposta do concurso para Monlevade, em 1934, o projeto para o campus da Universidade Rural, em 1938, as propostas para as sedes dos Parques Nacionais, a partir de 1939, e o projeto para o Núcleo Agro-Industrial em Itaparica desenvolvido por ele, em 1942. Estas intervenções se caracterizavam como implantações de núcleos urbanos em áreas rurais. Prevalencia nestas propostas um ideal de cidade, composto pela dispersão dos conjuntos edificados em meio ao verde e por arruamentos adaptados ao sítio. No caso dos parques nacionais, preconizava um anti-urbanismo em favor dos ambientes naturais. A desurbanização se colocava como um componente essencial para a preservação dos parques. Assim, teremos os equipamentos públicos, as instalações de apoio e as próprias moradias implantados de modo a interferir o menos possível na fruição dos parques.



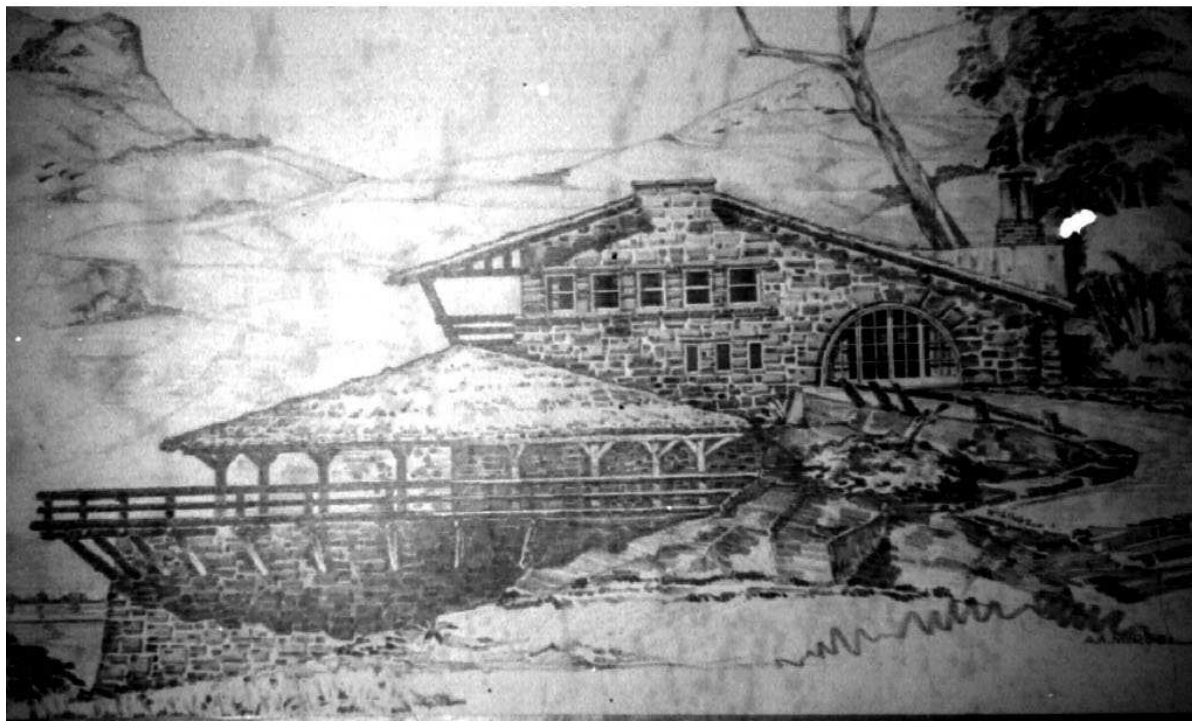
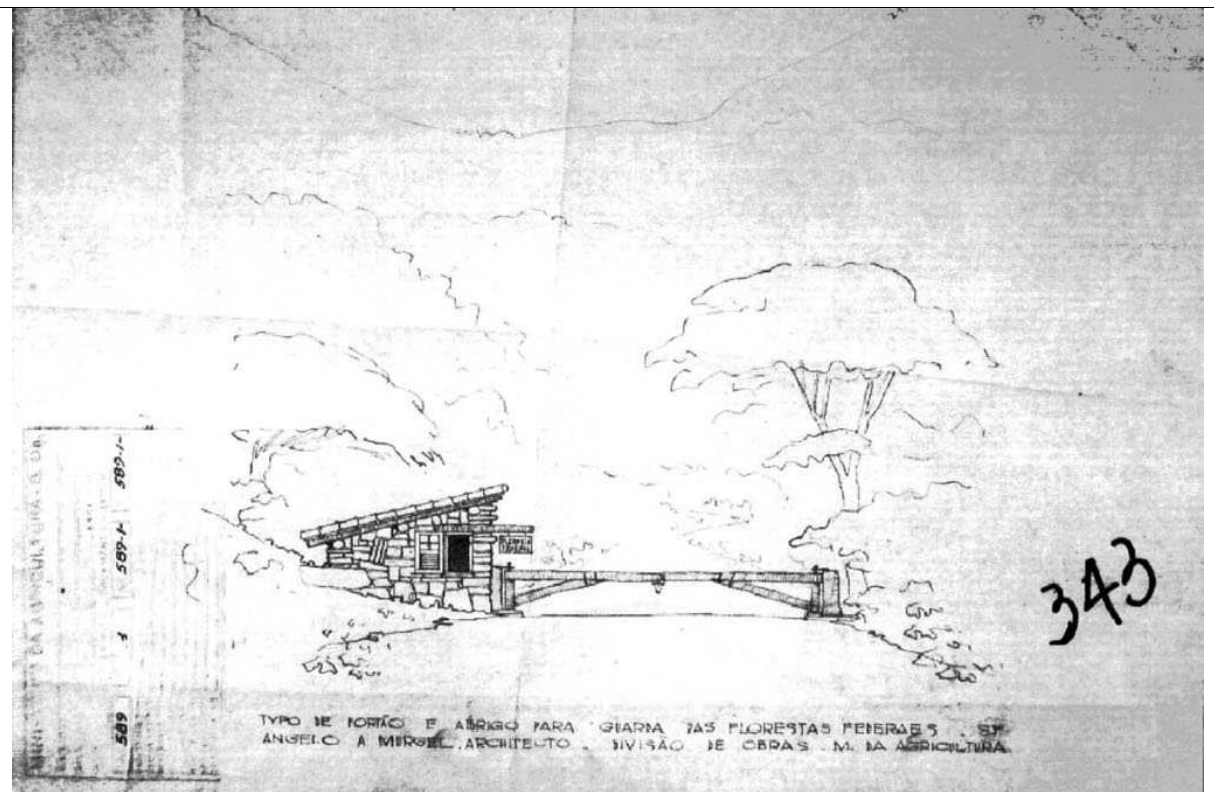
³¹ MURGEL, Angelo. ESTADO DE MINAS, A expansão suburbana de Belo Horizonte e os problemas que della decorrem: a necessidade da criação de uma comissão de urbanismo, na Prefeitura da Capital,, *op. cit.*.

Figura 03 – Perspectiva elaborada para o concurso Monlevade promovido pela Companhia Siderurgica Belgo Mineira em 1934, por Angelo Murgel. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

O ideário urbanístico aplicado aos Parques Nacionais

Os projetos para os Parques Nacionais se inserem no percurso profissional de Angelo Murgel, quando o mesmo já se encontrava transferido para o Rio de Janeiro. Assim foram desenvolvidos os projetos para o Parque Nacional de Itatiaia, para o Parque Nacional da Serra dos Órgãos e para o Parque Nacional do Iguaçu. Estas incumbências vieram em função do vínculo estabelecido por Murgel junto ao Ministério da Agricultura. Vários outros projetos foram desenvolvidos neste período, a partir dos anos 1934. A visão urbanística de Murgel já estava, de certo modo, consolidada pela experiência anterior, seja pelos projetos mencionados, em particular os que abrangeram partes significativas de cidades ou mesmo, como em Monlevade, seja pela crítica ao desenvolvimento urbano de Belo Horizonte e aos trabalhos junto a Comissão Técnica Consultiva como mencionado anteriormente. Assim, para os projetos dos Parques Nacionais, Murgel desenvolveu o conceito de arquitetura rural, o qual foi aplicado em várias propostas. Por esta via, o que se buscava era uma adaptação às circunstâncias locais, tendo em vista as imposições da natureza, pelo uso de tecnologias e materiais disponíveis na região.

As sedes dos Parques Nacionais foram definidas a partir de um plano de conjunto incluindo diversas instalações para permitir o funcionamento dos mesmos como centros de estudo, de educação e de entretenimento. A criação dos parques integrava as ações do Ministério da Agricultura, como mencionado, no tocante à conservação dos recursos naturais. O conceito de arquitetura rural foi aplicado com maior rigor, buscando um sistema anti-urbano para a composição destes conjuntos. O que importava era o predomínio da natureza em relação ao edificado. Assim foram pensados os três parques nacionais mencionados, a saber do Itatiaia, do Iguaçu e da Serra dos Órgãos. A experiência norte-americana na implantação de parques já era do conhecimento de Murgel, que ressaltava o pioneirismo e a amplitude daquelas realizações. Os parques norte-americanos, que lhe serviram como referenciais, foram definidos por meio de planos gerais, estes denominados '*master plans*', elaborados por equipes multidisciplinares. No caso brasileiro Murgel, coordenaria os trabalhos integrando comissões técnicas o que considerava mais adequado, em vista da escala dos problemas a enfrentar.



Figuras 04 e 05 – Projetos elaborados por Angelo Murgel para os parques nacionais. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

O programa para os parques envolveu museus, centros de visitantes, núcleos de pesquisa, residências de técnicos e diretores, bem como abrigos e alojamentos, além de moradias para trabalhadores. Estes componentes foram projetados numa perspectiva de racionalidade e funcionalidade aproveitando materiais locais com o sentido de rusticidade. Os blocos edificados foram dispersos pelas áreas destes parques tirando partido de uma linguagem neocolonial interligados por um sistema viário adaptado às imposições da topografia e ambiente natural. Nestes projetos Murgel deixou de lado os princípios e idéias defendidas ao longo da sua atuação, em particular os argumentos voltados para a introdução de uma arquitetura moderna. Constatamos nestes projetos a intenção em desenvolver uma linguagem própria aplicada aos sistemas urbanos, que se adaptava à finalidade específica de cada situação enfrentada, com as implicações políticas que estas propostas representavam.

O parque era considerado de modo mais abrangente por Murgel, além da idéia comum de *"...hórto botânico, de bosque ou jardim, de reserva florestal, cuja diferença dos seus congêneres urbanos residisse mais na escala de suas proporções e na obrigatoria localização em regiões afastadas dos grandes centros, que em qualquer outra razão de diferenciação essencial, o que não é exato."*³² Outras funções estavam relacionadas com os parques, além das atividades de pesquisas botânicas ou de proteção e de reservas florestais, como o uso, o entretenimento e a educação pela população. Na implementação dos parques, de acordo com a experiência norte-americana, era ressaltada a necessidade prévia de um estudo criterioso, *"...por uma equipe de técnicos de tôdas as especialidades a fim de se constituir o 'master plan', plano diretor."*³³

Os parques nacionais brasileiros foram criados nos anos de 1937 e 1939, por decretos do governo federal. Pelo Decreto nº 1713, de 14 de junho de 1937, foi criado o Parque Nacional do Itatiaia, na região das Agulhas Negras, na Serra da Mantiqueira, compreendendo área situada nos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; pelo Decreto nº 1035, de 10 de janeiro de 1939, o Parque Nacional do Iguaçu, localizado no extremo oeste do estado do Paraná, na divisa do Brasil com a Argentina e o Paraguai; pelo Decreto nº 1822, de 30 de novembro de 1939, o Parque Nacional da

³² MURGEL, Angelo A.. *Parques Nacionais*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p.3-4.

³³ MURGEL, Angelo A., *op.cit.*, p.7.

Serra dos Órgãos, situado entre as cidades de Teresópolis e Petrópolis, abrangendo também terras pertencentes aos municípios de Guapimirim, Magé.

Para Murgel, o projeto dos parques envolvia um trabalho contínuo e homogêneo, *"...em trabalhos de tal natureza os erros se não corrigirem e qualquer medida extranha aos estritos interêsses do Parque podem comprometer definitivamente a obra. É necessário que se reúna um grupo de zoólogos, botânicos, arquitetos, engenheiros, paisagistas, etc., com pendores pessoais para êsse assunto, a fim de que se constitua a escola brasileira de parques nacionais, de que se crie entre nós a mentalidade própria do colaborador de parque, com que se poderá então, dispondo de necessária autonomia administrativa, promover com sucesso a formação dos nossos parques."*³⁴ Como em trabalhos anteriores, Murgel fazia parte de uma comissão encarregada do planejamento global dos parques. No caso do Parque Nacional do Itatiaia, a comissão estava subordinada ao Ministério da Agricultura, composta pelo Diretor de Serviços de Estradas de Rodagem, do Ministério da Viação e Obras Públicas, do Diretor do Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural do Ministério da Justiça e do Superintendente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, do Ministério da Agricultura. No projeto destes conjuntos, *"...o que se procura e o que se deve preservar é exatamente o caráter original dos panoramas e aspectos. Por isso uma estrada interna de um parque nacional não precisa se subordinar às leis e preceitos rodoviários, mas aos de paisagismo; rampas suaves obtidas ao preço de grandes cortes, de desmontes ou aterros devem ser preteridas por outras de condições de tráfego inferiores mas que não causem tais danos nem firam a terra a ponto de tirar-lhe o interêsses e a beleza. Uma árvore pode ser deixada no eixo da estrada, uma curva pode ser menos técnica, mas as suas obras de arte devem harmonizar-se com a natureza e aproveitar-se dos materiais da região a fim de que nelas não pareçam estranhas."*³⁵

³⁴ MURGEL, Angelo A., *op.cit.*, p.8.

³⁵ MURGEL, Angelo A., *op. cit.*, p.11-12.

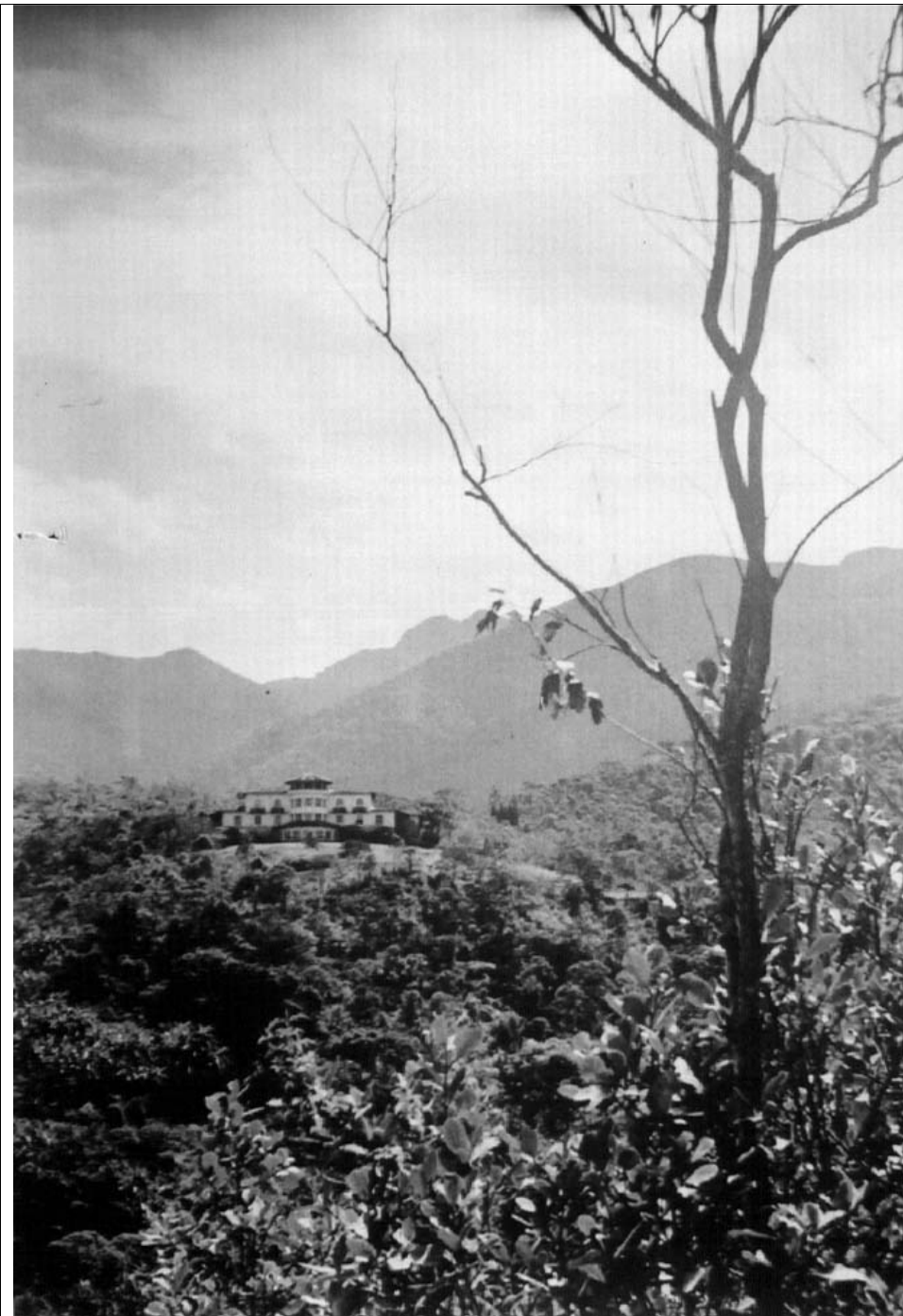


Figura 06 – Vista do Centro de Visitantes projetado por Angelo Murgel para o Parque Nacional de Itatiaia, cerca de 1950. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

Como mencionado os planos desenvolvidos para os parques consideravam programas semelhantes, em função da dinâmica destes conjuntos, abrangendo serviços e moradias, hospedagem, centros de estudos e lazer. No caso do Iguazu, o plano envolveu também as instalações referentes ao aeroporto. A implantação geral

envolvia o traçado de uma via de penetração que conduzia às diversas instalações, com vias secundárias para acesso local. Para a composição das edificações e equipamentos, assim como para a abertura do sistema viário, buscou-se uma adequação à topografia do lugar. Na linguagem empregada para o conjunto arquitetônico, cujas construções foram dispersas pelas áreas dos parques, predominava o neocolonial, cujas origens remontam à tradição construtiva brasileira, particularmente no repertório da arquitetura colonial portuguesa. Além de ter feito uma opção por esta linguagem, Murgel acrescentava materiais e acabamentos rústicos enfatizando o vínculo destes componentes ao lugar. Tanto para os equipamentos quanto para as moradias de técnicos e diretores, bem como abrigos e alojamentos, a concepção seguia esta orientação. A exceção, ficava por conta das moradias de trabalhadores, projetadas com simplicidade, com programa mínimo composto por quartos, cozinha e banheiros, e cobertura em duas águas. Além disso, ele ressaltava a necessidade de se *"...obedecer estritamente às condições mesológicas e apresentar um caráter e aspecto 'sui generis', o aproveitamento dos materiais locais e dos próprios sistemas consagrados pelo bom senso popular da região impõe-se ao profissional, cumprindo-lhe compor suas construções, com tais elementos, dentro das formas gerais estabelecidas para os parques."*³⁶

³⁶ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.25.

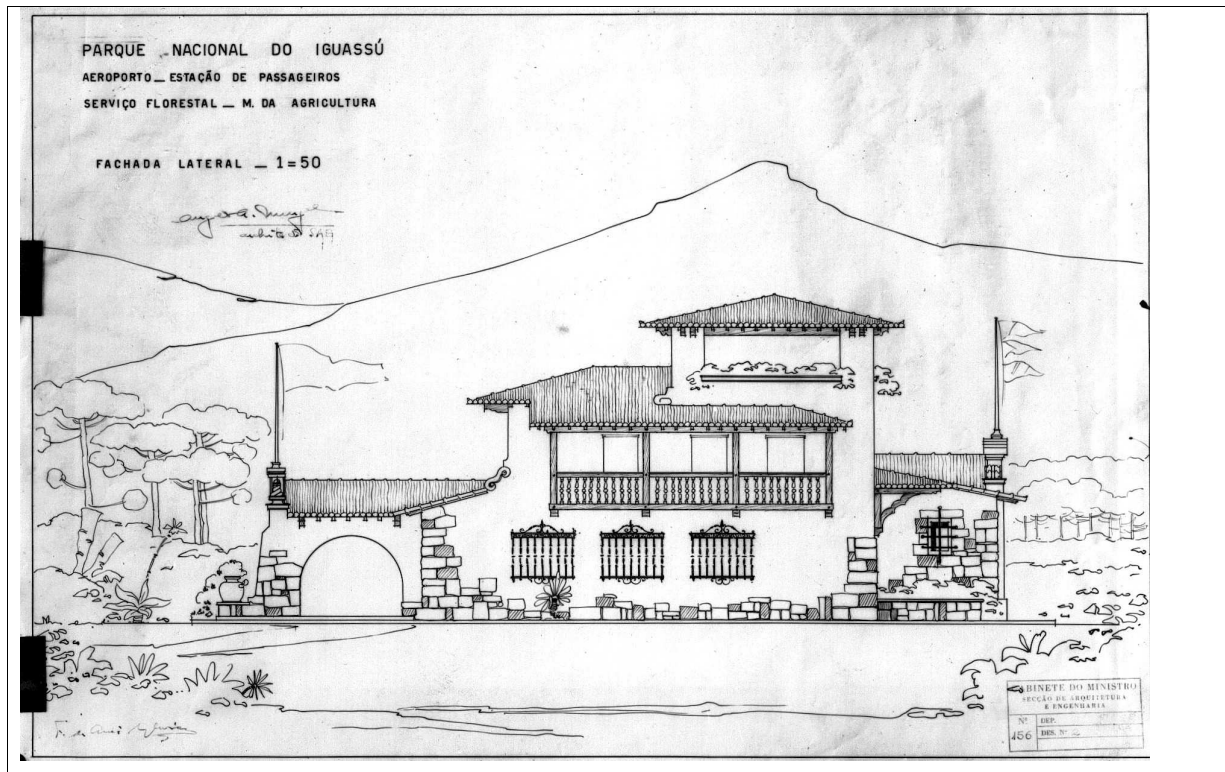


Figura 07 – Projeto para o Aeroporto do Parque Nacional do Iguazu elaborado por Angelo Murgel. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

Os atributos de racionalidade e funcionalidade se colocavam "...dentro da sua verdadeira aceção, sem falseamento ou compromissos dos inexplicáveis e injustificáveis grupos partidários em matéria de arquitetura; o trabalho deverá ser feito com essa simplicidade e com essa naturalidade com que o homem nos seus estágios mais primitivos sempre resolveu o problema de suas habitações."³⁷ Apenas o essencial, em termos de materiais, deveria ser trazido de fora, tendo em vista que os principais componentes para as construções eram obtidos "...in loco' lançando mão dos recursos regionais e aplicando-os de modo a obter o máximo efeito, consoante uma técnica adequada."³⁸ A comodidade da composição, bem como o conforto das edificações, estavam centrados no aspecto de rusticidade. Os planos para os parques consideravam estes princípios, aplicados para a harmonização dos conjuntos, independente de se tratarem de edificações ou obras de arte, como pontes, aquedutos, ou mesmo coletores de águas pluviais. O que se pretendia, com isso, era uma adequação do partido global, com o seu entorno natural. Assim, "...os

³⁷ MURGEL, Angelo A., *idem*, p.26.

³⁸ MURGEL, Angelo A., *idem*.

*interessantes efeitos dos madeiramentos brutos, empregados quase que 'in natura', deixando visíveis os sinais da ferramenta que os trabalhou na mata, as telhas assinaladas pelas impressões digitais dos oleiros, as pedras rústicas, de aparelhamento 'opus incertum', encangicadas, ora com os retalhos da própria exploração da pedra, ora com seixos rolados dos ribeiros vizinhos, são aspectos que sempre encantam e sugestionam quantos visitam as obras dos nossos parques nacionais. Critério e discernimento são escalas que deverão sempre pautar o seu emprêgo, dosando-os e juntando-os em associações felizes e lógicas, onde o observador sinta o acêrto das soluções e a convicção de que não teria procedido de outro modo se a êle competisse fazê-lo.*³⁹

A sede do Parque Nacional do Itatiaia foi assentada na encosta do Monte Serrat, a oitocentos e trinta e um metros acima do nível do mar, já na Serra do Itatiaia. Neste mesmo local, estava situada a Estação Biológica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que antecedeu ao Parque. O termo "Itatiaia" nos remete à idéia de um penhasco cheio de pontas, relacionado com o aspecto maciço do topo mais alto da Serra das Agulhas Negras. A instalações do parque, em meio aos remanescentes da Mata Atlântica, tinha o sentido da preservação deste patrimônio cultural, ameaçado pela exploração predatória de palmito e culturas de subsistência.

O conjunto planejado envolveu um edifício-sede, concentrando os serviços de administração, técnicos e auxiliares, os estudos botânicos, zoológicos e geológicos, o auditório, a biblioteca, o museu e o centro de informações. Ainda foram projetados abrigos para visitantes, moradias, pavilhões de oficinas e almoxarifado, escola e igreja. Estes equipamentos foram distribuídos pela área do parque para permitir o acesso aos seus encantos naturais. O edifício-sede, hoje centro de visitantes, foi definido em bloco único assentado numa encosta dominante, configurando um *"...moderno e adequado prédio, no qual funcionam os serviços administrativos, técnicos e auxiliares, direção, secretaria, biblioteca, estudos botânicos, zoológicos e geológicos, além de contar com salas para projeção e conferências, museu e centro de informações."*⁴⁰ Este edifício, em quatro pavimentos localizado numa encosta, contava ainda com apartamentos para hóspedes e biblioteca. O acesso principal a esta edificação era feito por pórtico circular como um grande átrio abrigado. Na parte posterior o acesso também era abrigado, através de galeria-varanda que possibilitava

³⁹ MURGEL, Angelo A., *idem*.

⁴⁰ BARROS, Wanderbilt Duarte de. *Parque Nacional do Itatiaia*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1955, p.7.

a ligação entre os diversos compartimentos. O platô superior, onde foi implantado o edifício, recebeu tratamento paisagístico que penetrava no pátio dos fundos. Nos pavimentos superiores, era possível uma visão de 360° da área do parque, em particular através do terraço-mirante, em partido circular definido por Murgel.

Em 1940, o edifício-sede já estava concluído, sendo que a implementação global do plano, ainda dependia de inúmeras desapropriações de terrenos, estes encravados na área destinada ao parque. Esta situação persistirá, fazendo com que o conjunto do parque englobasse propriedades particulares, algumas delas transformadas em hotéis e pousadas para o lazer. Os abrigos para os visitantes, tanto na área próxima ao edifício-sede e adjacências, quanto nos pontos mais altos do parque, não apresentavam a mesma imponência e monumentalidade que caracterizou a concepção do edifício-sede. Estes abrigos eram marcados pela rusticidade e pelo despojamento, no tratamento e emprego dos materiais, como construções utilitárias. A sua finalidade era servir de pousada, como refúgios coletivos com dormitórios, banheiros e áreas de serviço, incluindo cozinhas. Assim foram dispostos os abrigos Massenas, Rebouças e Lamego, equipados com fogões a lenha e instalações sanitárias. Para os outros equipamentos como oficinas e pavilhões de apoio, foram seguidas estas mesmas orientações no tocante ao emprego e ao tratamento dos materiais. Construções alongadas, para atender ao programa necessário, com cobertura em duas águas marcavam o partido destas edificações. Revestimentos de pedra, madeiramentos aparentes, dentre outros componentes, davam o caráter de rusticidade, acompanhando a linguagem estabelecida para o conjunto.

As moradias dispersas pela área do parque, revelavam a hierarquia funcional, na estrutura de trabalho do conjunto ecológico. As casas serviam para a acomodação do administrador do parque, dos funcionários e trabalhadores, bem como de pesquisadores. A começar, pela residência do administrador, marcada por apuro e sofisticação no emprego dos materiais e acabamentos. O projeto foi definido em linguagem neocolonial com telhado aparente e beirais, além do pátio avarandado que fazia a ligação dos compartimentos. A edificação apresentava partido em blocos defasados, o que reforçava o contraste da sua presença, na paisagem natural do parque. Acrescida a esta composição, a solução fragmentada do telhado, conferindo movimento ao volume definido para esta moradia. O programa incluía quartos de hóspedes, salas e garagem, composto pela articulação de extensos ambientes. Já as moradias de funcionários, pesquisadores e trabalhadores, apresentavam um

programa bem mais reduzido. O partido composto em bloco único, com cobertura em duas águas, dava a estas residências o aspecto de uma casa campestre, como um chalé. A rusticidade era enfatizada pelo emprego de madeiramento aparente, sem aparelhamento. As casas dos trabalhadores apresentavam maior simplicidade, sem uma preocupação com os detalhes arquitetônicos, como estampado nas anteriores, e com os compartimentos mais reduzidos. Para estas moradias, tanto as de funcionários e pesquisadores, quanto as de trabalhadores, o telhado se prolongava na parte frontal, conformando um alpendre de acesso.

Já em 1955, Murgel desenvolveu o projeto para uma capela rústica, a ser instalada no parque. A proposta, não construída, apresentava partido definido em bloco único, com telhado em duas águas e em níveis diferenciados. Esta edificação era marcada pelo volume da torre para os sinos. O partido adotado revelava o emprego de uma linguagem adaptada ao lugar, como esboçado nos projetos anteriores, pela utilização de materiais e acabamentos rústicos. Além da igreja, não construída, o mesmo ocorreu com a escola, sobre a qual não foi possível identificar dados do projeto.

A realização do Parque Nacional do Itatiaia antecipava a discussão sobre a necessidade da preservação do meio ambiente para as gerações posteriores. O conjunto projetado revela soluções técnicas pensadas numa perspectiva global, considerando-se as peculiaridades locais, em função dos aspectos relacionados com o lugar. O longo intervalo de tempo decorrido, que nos separa, no presente, das primeiras medidas para a incorporação deste patrimônio natural, como um bem coletivo, não nos faz perder de vista os seus objetivos iniciais, "*...tudo deverá ser feito para transformá-los em santuários de beleza, em hinos à Pátria, à Natureza e à Criação, para que nêles possam ser admiradas a flora e a fauna em sua vida e habitat naturais e para que as maravilhas panorâmicas não percam o seu aspecto primitivo e original. Tal será a função daqueles a quem foi confiada a difícil tarefa.*"⁴¹ Esta tarefa persiste na atualidade, com a complexidade dos problemas ampliada. A consideração destes princípios, que nortearam a formação dos primeiros parques, em particular do Parque Nacional do Itatiaia, se insere, assim, na realidade atual, tendo em vista a conservação destes conjuntos, enquanto patrimônio natural e construído.

O Parque Nacional do Iguaçu teve a sua sede instalada em relevo relativamente plano, entre duzentos e cinquenta e trezentos e cinquenta metros de altitude. Além

⁴¹ MURGEL, Angelo A., *op. cit.*, p.8.

do aeroporto, foram projetados o edifício-sede, os alojamentos para pesquisadores, o museu, as residências de funcionários e as instalações sanitárias. Ainda foram projetados um hotel, com garagem e oficinas, um centro de esportes, um horto botânico, um jardim zoológico, um almoxarifado e oficinas. A viagem ao parque, por via aérea, constituía um momento especial para Murgel, *"...o dinâmico panorama do progresso da Paulicéa, as vistas aéreas da Serra do Mar, Curitiba com seus graciosos arrabaldes, os pinheirais paranaenses, as muralhas chinesas e os castelos feudais das curiosíssimas formações areníticas de Vila Velha, a mata virgem e impenetrável que se estende de Guarapuava até a Foz do Iguaçu, e, por fim, quando o aéromoço anuncia 'falls at the left' ou, descendo mais o avião, 'now, at two side', pelas minúsculas janelas do 'clipper' descortina-se o que nunca antes se pudera conceber: o panorama completo das Cataratas do Iguaçu!"*.⁴² O aeroporto foi pensado a partir do prédio da Estação de Passageiros. Com um forte apelo paisagístico, marcado por caramanchões, lago e fonte, estes componentes serviam para emoldurar a chegada ao parque. O edifício já estava concluído em 1940. Construído em bloco único, o prédio tinha amplos beirais e portada de acesso dos passageiros, como um vestíbulo abrigado, esta última coroada por um frontão. Na parte superior, logo abaixo do volume destacado da torre-mirante, foi disposto um avarandado com acesso privativo aos técnicos do controle.

O hotel foi definido como um bloco horizontal, em dois pavimentos. Este bloco principal era interrompido por torre de marcação vertical, com vista privilegiada para as Cataratas do Iguaçu. Além disso, foi definido um anexo, com pátio interno, no qual foram instalados os serviços. O prédio foi composto a partir de um partido em "U", com os quartos dispostos ao longo do conjunto. A hospedagem era privilegiada pela visão direta para as cataratas e pela área de lazer, aos fundos, contígua à reserva florestal.

A localização do Parque da Serra dos Órgãos era a mais facilitada, pela proximidade com a Capital Federal, em terras pertencentes aos municípios de Guapimirim, Magé, Petrópolis e Teresópolis, no estado do Rio de Janeiro. No relevo acidentado inserido na Serra do Mar, os destaques ficavam por conta das formações rochosas inéditas do Dedo de Deus e da Pedra do Sino. O plano geral compreendia um edifício-sede, casas para guardas florestais, funcionários e diretor, além de um hotel de montanha e abrigos para visitantes. Este último equipado com instalações

⁴² MURGEL, Angelo A., *idem*, p.16.

completas, conforme Murgel, prevendo-se a prática de esportes compatíveis com a região. Foram projetadas, ainda, choupanas rústicas para alojamento de visitantes. A sede do parque foi instalada com acesso para a rodovia Rio-Teresópolis, próxima da antiga sede da Fazenda Barreiras, cuja construção remontava ao século XIX, transformada em museu e, posteriormente, em centro de visitantes. Uma capela, datada de 1713, completava o conjunto do parque, projetado por Murgel. Nos anos 40, o plano ainda se encontrava em vias de execução.



Figura 08 – Projeto para Casa de Administrador (Chefe do Parque) no Parque Nacional da Serra dos Orgaos, elaborado por Angelo Murgel. Fonte: Urbanismomg/UFJF.

Considerações Finais

A importância da contribuição de Murgel para as idéias do urbanismo é inegável, sendo que a sua formação em arquitetura, em especial aquela referente ao ensino da Escola Nacional de Belas Artes - E.N.B.A., constitui um elemento essencial para entendermos a trajetória deste profissional. Decorre daí a ênfase nas questões

estéticas evidenciadas pelo emprego de determinadas linguagens e pelo uso de materiais e tecnologias segundo as regras da composição. De início, Murgel aderiu aos princípios difundidos pelo Movimento Moderno na sua vertente germânica, em particular as idéias de racionalização e padronização de Walter Gropius. Ao mesmo tempo, não desprezava outros referenciais, como a visão de Frank Lloyd Wright, no sentido de uma arquitetura adaptada às especificidades locais, como aqui exposto no caso dos Parques Nacionais. Neste sentido, sempre se mostrou contrário à uma arquitetura ou mesmo a um estilo internacionais. Atento ao ideário difundido pelos foruns de conhecimento, a adoção de princípios modernos configurou um processo marcado por contradições, em que as teorias não se evidenciavam plenamente nas suas propostas.

A modernidade anunciada, no período em que manteve o seu escritório em Belo Horizonte, deu lugar à tradição, quando da sua transferência para o Rio de Janeiro. Assim constatamos pela racionalidade estampada nos projetos desenvolvidos nos anos 30 e pela predominância do aspecto artesanal das propostas elaboradas nos anos 40. O conceito de arquitetura rural foi apropriado para as implantações de núcleos urbanos em áreas rurais, particularmente para os equipamentos inseridos nos Parques. Verificamos que, neste intervalo, no tocante à arquitetura, as suas opções estilísticas trafegaram entre o art déco e o neocolonial. No leque de proposições, o projeto para Monlevade representou um momento de passagem mesclando o tradicional e o moderno, servindo também para que Murgel desenvolvesse com rigor técnico uma proposta urbanística. Se as idéias da arquitetura moderna, difundidas em escala mundial pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - C.I.A.M's o sensibilizaram, o mesmo pode ser dito a respeito do ideário *garden city* para o arranjo das cidades. Este último, sempre presente nas suas elaborações, no tocante à dispersão das edificações em meio ao verde.

Nos anos 50, Murgel aprofundaria os seus estudos relacionados com o conceito de arquitetura rural, discorrendo sobre a Casa Rural Brasileira, priorizando o enfoque sobre os sistemas construtivos tradicionais. As preocupações referentes à forma prevaleceram nos seus trabalhos, o que culminou na tese intitulada Análise do Belo, desenvolvida em 1962, que discorreu sobre questões estéticas, segundo olhares múltiplos, e em particular na visão filosófica sobre o "belo".

A contribuição de Murgel incide também na constituição de um campo profissional específico relativo à arquitetura e ao urbanismo, além de ter contribuído

para a formação acadêmica de inúmeros profissionais. Os projetos e planos que elaborou são reveladores das possibilidades do diálogo entre a tradição e a modernidade na configuração dos ambientes urbanos. Ao mesmo tempo, constatamos nos seus projetos as contradições inerentes à prática profissional pelo distanciamento do discurso em relação às práticas. Se por um lado defendia intensamente uma modernidade atrelada aos princípios do Movimento Moderno, as soluções por ele apresentadas não incorporavam plenamente os componentes relacionados a este ideário. Ao invés de aprofundar os conceitos de racionalidade e produção em série, que reiterava nos seus escritos, Murgel progressivamente se afastava destas idéias, nas propostas que materializava. Sobressai neste ponto uma certa gratuidade do "idealizado" como discurso, em relação ao "projetado" como uma representação através do desenho, realizado na grande maioria dos casos. Muito mais pode ser dito, nesta aproximação sobre a apropriação de um ideário e a sua aplicação numa realidade urbana específica. Neste sentido a agenda de Murgel, também permanece em aberto, no diálogo entre o passado e o presente, a provocar reflexões nos dias de hoje.

Agradecimentos

CAPES ; CNPq ; FAPEMIG ; Ministério das Cidades; Ministério da Cultura ; Ministério da Educação .

Referências Bibliográficas

- ARGAN, G. C. A. (1993) **História da Arte como História da Cidade (tradução de Pier Luigi Cabra)**. São Paulo: Martins Fontes, título original: Storia dell'Arte come Storia della Città (1984).
- AYMONINO, C. (1972) **Orígenes y desarrollo de la ciudad moderna**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, título original: "Orígenes e sviluppo della città moderna".
- BENEVOLO, L. (1984) **A Cidade e o Arquiteto** (tradução de Rui Eduardo Santana Brito). São Paulo: Martins Fontes, título original "La Città e l'Architetto".
- _____. (1981) **Origens da Urbanística Moderna** (tradução de Conceição Jardim e Eduardo L. Nogueira). Lisboa: Editorial Presença, título original: "Le origini dell'Urbanistica Moderna".

- BLOCH, M. **Introdução à História.** (1976) Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 3ª edição, , título original "Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien", 1941, tradução de Maria Manuel Miguel e Rui Grácio.
- BRAUDEL, F. (1992) **Escritos sobre a História** (tradução de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota).São Paulo: Editora Perspectiva, 2ª Edição, título original: "Écrits sur l'Histoire" (1969).
- CALABI, D. (2004) **Storia dell'urbanistica europea: questioni, strumenti, casi esemplari.** Milano: Bruno Mondadori.
- _____. (1997) Parigi anni venti: Marcel pöete e le origini della storia urbana. Venezia: Marsilio editori.
- CERTEAU, M.de. (2006) **A escrita da História** (tradução de Maria de Lourdes Menezes). Rio de Janeiro: Forense Universitária, título original: "L'Écriture de l'Histoire"(1975).
- COSTA, L.(1997) **Lucio Costa: registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1ª edição 1995.
- FERNANDES, A. & GOMES, M. A. A. de F. (1998) A pesquisa recente em história urbana no Brasil: percursos e questões. In: PADILHA, Nino (org.). **Cidade e Urbanismo: história, teorias e práticas.** Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBa.
- GOMES, M. A. A. de F. & LIMA, F. J. M. de. (1999) Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte: 1895-1961. In: LEME, M. C. da S. (org.). **Urbanismo no Brasil: 1895-1965.** São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM.
- HOLANDA, S. B. de. (2001) **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 220 p., 1a edição 1936.
- LEME, M. C. da S. L.. (org.). (1999) **Urbanismo no Brasil: 1895-1965.** São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM.
- LIMA, F. J. M. de. (1994) **Bello Horizonte: um passo de modernidade.** Salvador: s.n.,1994, Dissertação de Mestrado - FAUFBa.
- _____. (2003) **Por uma cidade moderna: Ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943).** São Paulo, Tese de Doutorado - FAUUSP.
- LIMA, F. J. M. de.(2011) A cidade como um fato urbanístico: João Monlevade. In: CORREIA, T. de B. (Org.). **Forma Urbana e Arquitetura de vilas operárias e núcleos residenciais de empresas no Brasil.** 1ed .Sao Paulo: Annablume; Fapesp, v. 1, p. 1-298.

- LIMA, F. J. M. & GOMES, M. A. A. F. (2010) **Arquitetos e Urbanistas: cidade e formação profissional no Brasil, 1900-1960**. In: FREITAS, J. F. B. de. (Org.). Diálogos Urbanismobr. Diálogos Urbanismobr. 1ed .Vitória/ES e Niterói/RJ: EDUFES/UFF, v. 1, p. 211-244.
- LIMA, F. J. M. (2009) **Urbanismo em Minas Gerais: Olhares de Engenheiros, Arquitetos, Geógrafos e outros planejadores**. In: CASTRIOTA, L. de B. (Org.). Arquitetura e Documentação.1ed .Belo Horizonte: IEDS/ANABLUMME, v. 1, p. 1-300.
- LIMA, F. J. M. (2010) **Urbanismo em Minas Gerais: Pelas Cidades**. Juiz de Fora: Editora da UFJF.
- LIMA, F. J. M.&PORTES, R. V. R. (2005) **Urbanismo em Minas Gerais: pensamento e práticas urbanísticas relacionados ao ideário do Movimento Moderno (1930-1965)**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador, Edição Especial, p. 103-120.
- LIMA, F. J. M. ; PORTES, R. V. R. ; FOSCARINI NETO, P. (2003) **Tradição e Modernidade no percurso do arquiteto Angelo Murgel - Parque Nacional do Itatiaia e Universidade Rural do Rio de Janeiro, dois projetos urbanísticos**. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, v. 1. 82 p.
- LIMA, F. J. M. (2012) Comparative approaches on urban planning cities history in Minas Gerais, Brazil: theories and methodologies to analyses. In: 15th IPHS Conference: **"Cities, nations and regions in planning history"**. Sao Paulo: FAUUSP, 2012. v. 1. p. 1.
- SALGUEIRO, H. A. S. (org.). (2001) **Cidades Capitais do Século XIX: Racionalidade, Cosmopolitismo, e Transferência de Modelos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____.(1997) **Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Centro de Estudos Históricos e Culturais.
- TAFURI, M. (1979) **Teorias e história da arquitectura**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1985) **Projecto e Utopia: arquitectura e desenvolvimento do capitalismo (tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira)**. Lisboa: Editorial Presença, 1985, 122 p., título original: "Progetto e Utopia".
- VEYNE, P. (1995) **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história (tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp)**. Brasília: Editora da

Universidade de Brasília, título original: "Comment on écrit l'histoire", (1971),
"Foucault révolutionne l'histoire" (1978).

VILLAÇA, F. (1998) **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute.

ZUCCONI, G. (1989) **La città contesa: dagli ingegneri sanitari agli urbanisti: (1885-1942)**. Milano: Jaca Book.